

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CIED
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Sávio Soares da Cruz

O RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

Orientadora: Elvira Simões Barretto

Maceió - 2016

O RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

Sávio Soares da Cruz

“O importante e o bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam”

Guimarães Rosa

RESUMO

O preconceito racial está presente em diversos lugares, é algo que precisa ser combatido. A sociedade enraizada pega segregação racial que sustenta a desigualdade está cada vez mais afundando com tanto preconceito. A Constituição Federal de 1988 deixa claro que todos somos iguais perante a lei, não importa sua cor, raça ou sua religião, porém grande parte da população insiste em espalhar a discórdia contra os negros e seus descendentes. A escola tem um papel fundamental no combate ao racismo, é por meio dela que os jovens e adultos vão ser protagonistas da sua própria história no combate à discriminação. Respeitar a cor e o jeito de ser negro, estudar sua história, conviver com afrodescendentes é reconhecer que o negro tem seu valor. É preciso compreender que a sociedade é racista, que por meio dela já foram travadas várias guerras, e que para amenizar o seu histórico é preciso promover o respeito entre as raças. A elaboração pedagógica é essencial no combate ao racismo dentro da escola, buscar meios que intervenha e proponha o respeito às diferenças raciais, buscando sempre o melhor para o convívio harmonioso entre todos e todas. A presença do professor é indispensável no processo ensino/aprendizagem, é por meio dele, que o reconhecimento dos valores raciais são disseminados, reunindo assim valores perdidos na história da raça negra para um novo porvir.

Palavras-chaves: Preconceito racial. Racismo. Escola. Professor.

ABSTRACT

Racial prejudice is present in many places, it is something that needs to be fought. The society rooted in racial segregation that sustains inequality is increasingly sinking with so much prejudice. The Federal Constitution of 1988 makes it clear that all are equal before the law, no matter their color, race or religion, but much of the population insists on spreading discord

against blacks and descendants God. The school plays a key role in combating racism, it is through it that young people and adults will be protagonist of his own story in combating discrimination. Observe the color and the way of being black, study its history, African descent live with is to recognize that black has its value. We must understand that society is racist, that through it have been fought several wars, and to soften its history is necessary to promote respect among the races. The pedagogical preparation is essential in combating racism within the school, seek means to intervene and propose respect for racial differences, always seeking the best for the harmonious coexistence among all peoples. The presence of the teacher is essential in the teaching / learning process is through him that the recognition of racial values are disseminated, thus reuniting lost values in the black race history for a new future.

Keywords: Racial prejudice. Racism.School.Teacher.

1- INTRODUÇÃO

O preconceito racial nas escolas é muito forte ainda e essa cultura parece insistir na separação dos seres humanos pela cor da pele, a qual pode ser combinada nas relações humanas, tão pertinentes à causa humanitária e constitucionalmente protegida. A finalidade desse artigo é reconhecer o racismo como problema sócio-educacional, a qual a escola poderá intervir para minorar ou erradicar os preconceitos, o que deverá realizar sistematicamente oficinas, palestras e seminário.

A educação não era acessível às classes mais pobres e negras, o conhecimento passado na escola era para a classe branca, que tinha mais condições financeiras. Era assim que viviam no Brasil colônia e império, os filhos de homens brancos era dotado de todo conhecimento científico, e a classe negra era tratada como analfabetos, incapazes de aprender o que era transmitido na escola. O progresso era visível para aqueles que tinham a cor considerada “branca”, e para aquele que tinha o tom de pele “escuro”, o progresso não se fazia presente.

O preconceito racial está presente ao nosso redor, atitudes preconceituosas vão além da nossa imaginação, o racismo é algo sério na vida das pessoas, podemos encontra-la de diferentes formas e situações, seja na vida real ou nas redes sociais. A escravidão pode ser considerada algo do passado, mais fica bem claro, que para a classe negra, ela apenas mudou de nome e endereço.

Para tanto se faz necessário da prioridade as políticas públicas, e a escola tem o papel fundamental para o combate ao racismo, dando assim a auto-valorização do povo negro. A escola por ser a responsável pelo ensino/aprendizado dos alunos, ela é o lugar ideal para crianças e adolescentes aprender a conviver, compartilhar e valorizar as diferentes etnias, credos e classes sociais. Todavia podemos nos deparar com certas situações de racismos e intolerância racial dentro da escola, que muitas vezes pode acontecer de forma agressiva.

O pleno exercício da cidadania dentro da escola é de grande importância para o desenvolvimento respeitável entre professor e aluno. Muitas escolas não têm preparo para receber alunos negros no seu cotidiano escolar, que por muitas vezes esses alunos já vem com marcas de xingamentos, chacotas, ditos populares e piadas. Tornando bem visível as marcas do preconceito que já vem sofrendo em vários lugares e também na escola.

Para o desenvolvimento deste artigo utilizamos pesquisa qualitativa e bibliográfica e serão utilizados métodos bibliográficos, e desenvolvido por materiais já elaborados, constituído de livros e artigos científicos. Utilizamos estudos de autores como Lopes (2007), que em seu livro fala muito bem do racismo, e suas divisões de preconceitos, e utilizamos também outros autores de desenvolvem bem essa temática, que contribuíram bem para a pesquisa com suas reflexões. Também foi usada a bibliografia de Munanga, Cavalleiro, Queiroz, dentre outros.

2- A ESCRAVIDÃO E A CONTEXTUALIZAÇÃO DO RACISMO NO BRASIL

O Brasil foi durante muito tempo um centro de captação para a escravidão, advindos do continente africano destinado ao serviço braçal na agricultura, na pecuária nas capitâneas hereditárias, uma vez que a mão de obra nativa não correspondeu às expectativas e, principalmente era conhecedora do ambiente colonial e fugiam, apesar dos esforços dos bandeirantes, os negros se tornaram mais rentáveis ao processo de utilização da força dada pelo produto adquirido nas transações comerciais.

Os negros eram vendidos e comprados nos portos e levados às fazendas para todo tipo de trabalho braçal. Um negro/negra sempre era bem-vindo. As tarefas eram do campo a cama. Era o trabalho que fazia crescer as riquezas dos senhores bom do ouro ao café. Foram também umas das questões que derrubou a monarquia em 1888.

A condição de ser negro no Brasil, desde cedo, era vista como objetos, de posse, de comercialização e as atitudes dos donos eram satisfatórias e comuns. O despertar para uma consciência de dignidade da pessoa humana era restringida aos negros e negras. Eles tinham os deveres de trabalhar, mas eram completamente desprovidos de direitos. Não se podia dar

senão o feitor as chibatadas para o trabalho mal feito. A vigilância se tornava cada vez mais proposital, pelas investidas de fugas e da presença dos quilombos.

Não tinham direitos porque não era gente, e se fossem estariam classificados como uma sub-raça. Ser negro era padecer nos extratos sociais mais baixos. Os seus donos não reconheciam qualquer manifestação cultural, religiosa ou organizacional. De tão factual que fez surgir o sincretismo religioso que hoje se conhece pelo fato de usarem os santos católicos nas divindades africanas.

Escravidão é a forma extrema de trabalho forçado, na qual os direitos individuais da pessoa e a faculdade de explorar economicamente seu trabalho são propriedade de outra pessoa. O escravo é, então, alguém cujo corpo pertence a outro, que faz dele o que bem entender. Segundo Lopes (2007, p. 101)

A escravidão existe desde a Antiguidade. E todos os povos antigos a conhecem. No Egito Antigo, na Grécia, e, Roma, em todos esses lugares houve escravidão. Mas a diferença entre essa escravidão, existente na Antiguidade europeia e mesmo outrora na África, e aquela que aconteceu depois da chegada de Cristóvão Colombo à América é muito grande. Na Antiguidade, o que havia na verdade era servidão. E na Idade Moderna, depois das grandes navegações portuguesas, o que reinou, mesmo, foi o que se define como cativo.

Na África, até a chegada dos portugueses, as pessoas que, ou capturada em guerras ou por qualquer falta grave, haviam perdido o direito de serem tratados como indivíduos livres, eram considerados servos permanentes. Essas pessoas trabalhavam sem receber salário; podiam ser compradas, vendidas ou dadas de presente; tinham que fazer o que lhes ordenavam etc. Mas ainda possuíam direitos.

Muito conveniente que se estabeleça um paradigma formal entre as realidades de povos subordinados e os mandam. Os negros conquistados e vendidos pelos próprios negros africanos advinham de tribos, poderiam ser reis, rainhas, seres numa situação hierarquicamente superiora, mas eram sujeitados no Brasil a mesma realidade dada aos negros comuns.

Os primeiros estudos sobre o negro no Brasil concentravam seu foco em aspectos da criminalidade. Mas os tempos comprovariam que, ao contrário do que apregoavam os cientistas do racismo, se existem uma grande frequência de negros nas estatísticas de determinados delitos, isso resulta apenas de sua concentração em determinados ambientes e camadas sociais. Agora, por exemplo, se nas favelas cariocas os negros são maioria entre os

envolvidos com narcotráfico, isso não ocorre por uma tendência natural do povo negro em envolver o crime, mas por serem os negros maioria entre as populações faveladas.

Apesar de nossa Constituição proclamar que os direitos devem ser iguais para todos os brasileiros, este ideal até agora não se concretizou para o povo negro como um todo. Então, tratar de maneira diferente um grupo que teve e tem menos oportunidade de acesso à saúde, educação, moradia, trabalho, etc., embora pareça inconstitucional, é uma obrigação do Estado brasileiro, em atenção ao princípio de que toda lei deve ter um alcance social, sendo feita e posta em prática para benefício de toda a sociedade.

Tudo isso contribuiu para o surgimento do racismo no Brasil. Os europeus possuíam a ideia de raças inferiores com os negros e os índios. A própria Igreja Católica abalada pela reforma protestante, não interviu contra a escravidão, pelo contrário, acreditava que os trazendo da África para o Brasil seria mais fácil cristianizá-los, além das missões de catequese dos índios.

3- O RACISMO COMO CONDIÇÃO DE EXCLUSÃO ESCOLAR

A elite brasileira era formada por brancos que tiveram ao longo da história mais oportunidades de estudar e assim galgar espaços na hierarquia dos melhores empregos e nas funções públicas. Junto a essas chances, logicamente eram mais recompensados com salários maiores e de crescimento no cenário da empresa ou de assunção profissional.

Muitas coisas tem se passado desde o início crucial da educação neste país, mesmo sendo colônia, o prestígio para se estudar era dado aos filhos brancos das famílias mais tradicionais portuguesas que aqui se instalaram e, essa vertente foi se tornando prática social ao longo da história que ampliava ainda mais as distâncias entre brancos/brancas ricos e miseráveis negros/negras. Todavia há de convir que naquela época, apesar de ser vista hoje como vilã no tratamento aos escravos, para a época era normal e aceitável.

O que antes era normal, anormal é ainda ter as práticas escravocratas e crianças sem poder estudar, o que derogou também para chegarmos ao século XXI com analfabetismo e crianças fora da escola.

O racismo é algo sério, o seu impacto pode ser devastador do ponto de vista psicológico e social. As pessoas já aprendem a discriminar vendo outras pessoas discriminando, absorvendo tudo que ver e tirando conclusões precipitadas sem compreender o que é o racismo. Conforme explica (CAVALLEIRO, 2000, p. 24),

O racismo e o preconceito racial como um conjunto de idéias, atitudes e comportamentos apoiados em conceitos e opiniões não fundamentadas no conhecimento, e sim na sua ausência, estimula a criação de estereótipos e representações negativas e dão origem ao um estigma que imputados ao indivíduo dificulta sua aceitação no cotidiano da vida social.

O preconceito racial não só afeta os negros, mas afeta a sociedade em geral, na medida em que ele se manifesta pela ignorância de algumas pessoas, estamos dentro de uma forte luta contra a discriminação e o preconceito racial, que não só afeta os adultos, mas também as crianças que estão presenciando todos os tipos de intolerância racial, visivelmente nas escolas e na sociedade.

A escola como sendo o lugar de maior relevância na vida dos alunos, pelo tempo em que o sujeito permanece nela, sendo de suma importância o ensino/aprendizagem, transmitindo por ela. A escola é um espaço onde os alunos aprendem regras, códigos culturais, que diante disso torna-se “natural” o conceito de desigualdade racial, tendo grande influencia na identidade dos jovens.

A instituição escolar tem por obrigação promover a igualdade a todos, mas a homogeneização e a padronização desconhecem a pluralidade e a diversidade, que é uma realidade brasileira para os alunos dentro do contexto escolar.

Diante dos fatos o aluno não tem um desenvolvimento bem sucedido na instituição escolar. As palavras de Cavalleiro (2001 p. 84) compreendem:

Em alguns momentos, as práticas educativas que se pretendem iguais para todos acabam sendo as mais discriminatórias. Essa afirmação pode parecer paradoxal, mas dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pode-se incorrer no erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças. Partir do pressuposto de que os sujeitos presentes na escola são iguais e, por isso possuem uma uniformidade de aprendizagem, de cultura de experiências, e os que não se identificam com esse padrão uniforme são defasados, especiais e lentos, é incorrer em uma postura que, ao desqualificar uma referência, produz uma dominação.

A sociedade brasileira é diversificada e isso possibilitaria uma gama de valores a serem resgatados, de acordo com o pluralismo racial existente. Ora em um país em sua maioria negra/negro ainda sofre consequências por conta da cor no universo escolar, ferindo de fato e de direito a máxima constitucional que todos somos iguais perante a lei. Mas a lei abraça a tudo, desde a concretização de direitos mais genuínos que é a vida, mais plenos

quanto à educação e outros direitos sociais, postos na Constituição Federal de 1988, considerada a mais evoluída do mundo.

Faz mister informar que existe um distanciamento profundo entre o que está na Constituição e o exercício pleno do que deveria ser implantado, mas somente por lutas sangrentas e persistentes é que o direito de se tê-lo passa a ser exercido. Assim acontece com as ações de preconceitos raciais e o racismo que é cultivado em muitos lares brasileiros indo até a escola e sua prática se ergue um muro que separa os brancos e brancas dos negros e negras.

Ser branco tem conotação de sucesso e ser negro traz uma carga pesada de dificuldade, de algo feio ou criminoso. Até o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, traz conotações pejorativas: NEGRO – indivíduo de cor preta, encardido, melancólico, funesto, luto, maldito, sinistro, perverso, escravo. Ao contrário a palavra “branco”, tem significados positivos: sem mácula; inocente; puro; cândido; ingênuo; homem de raça branca. Assim, (TRIUMPHO In NASCIMENTO, 1994, p.66-67): Nota-se que a palavra “homem” não figura nas referências à pessoa negra nas respectivas definições, e sim “indivíduo”.

Contribuem para a afirmação do racismo e dos preconceitos nas escolas a desvalorização das crenças culturais afrodescendentes, o tratamento direto diferencial que muitos professores têm em relação aos negros e negras, dentre outras atitudes.

Todos esses mecanismos atuam para excluir a criança negra da possibilidade de usufruir dos benefícios que podem resultar de uma educação bem sucedida, fazendo com que abandone a escola, ou cumpra a sua escolarização de forma acidentada e precária, levando a desistência e impede de prosseguir por estágios mais avançados da escolarização ou se chegar às portas das universidades será numa condição de enorme desvantagem, para competir com estudantes de outros segmentos raciais existentes.

Quem são nossos heróis brancos, quais nossos heróis negros. A própria história do Brasil desqualifica o negro que não superveniente as brancos como revoltado, rebeldia, da indolência ou da redenção, e assim deveria ser eliminado. Somente em 1995, Zumbi foi reconhecido como herói nacional e o índio foi reduzido improprio ao trabalho porque era selvagem.

Sua participação nas guerras e revoltas, atuando como soldados em defesa da nação, a contribuição com seus conhecimentos foram propositalmente desvalorizados e esquecidos. Desumanizados, foram confinados ao extrato inferior da sociedade. Para (MUNANGA, 2005, p.42).

O racismo tornou-se uma ideologia, fruto da ciência europeia a serviço da dominação. Essa ideologia racista ganha força a partir da escravidão negra, adquirindo estatuto de teoria após a revolução industrial.

Os contos de fadas, aos moldes europeus contemplam os heróis brancos, princesas beneméritas dotadas de compaixão e reis bem intencionados que libertam a pátria e resgatam seus cidadãos, porém, entre estes não inclui os outros povos (índios e negros) que aqui também estavam.

Em menor número são registradas na memória cultural as contribuições na construção da nação e pelo mundo a fora, mas convém salientar que o esforço está sendo alcançado o ex-ministro Joaquim Barbosa, do Supremo Tribunal Federal, o Presidente Barak Obama, dos Estados Unidos da América, o melhor jogador de futebol de todos os tempos, Edson Arantes do Nascimento, Pelé, Nelson Mandela, exilado e presidente da África do Sul, o alagoano Djavan, compositor e intérprete da Música Popular Brasileira, são exemplos que podem ser suscitados e reforçada a ideia de que o sucesso em diferentes áreas podem ser alcançados por todos.

A segregação escolar existe e essa é a vanguarda do isolamento de muitos que não se enquadram nos perfis raciais. Ser negro é uma condição, ainda que recebe o desrespeito, ofensas que ultrapassam também todos os limites chegando também as mídias, ao futebol, as academias, a política e qualquer outro ambiente.

4- A ESCOLA E O ENFRENTAMENTO PEDAGÓGICO DO PRECONCEITO/RACISMO

A escola como sendo o lugar de maior relevância na vida dos alunos, pelo tempo em que o sujeito permanece nela, sendo de suma importância o ensino/aprendizagem, transmitindo por ela.

A escola é um espaço onde os alunos aprendem regras, códigos culturais, que diante disso torna-se “natural” o conceito de desigualdade racial, tendo grande influência na identidade dos jovens.

A instituição escolar tem por obrigação promover a igualdade a todos, mas a homogeneização e a padronização desconhecem a pluralidade e a diversidade, que é uma realidade brasileira para os alunos dentro do contexto escolar.

Diante dos fatos o aluno não tem um desenvolvimento bem sucedido na instituição escolar. As palavras de Cavalleiro (2001, p. 84) compreendem:

Em alguns momentos, as práticas educativas que se pretendem iguais para todos acabam sendo as mais discriminatórias. Essa afirmação pode parecer paradoxal, mas dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pode-se incorrer no erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças. Partir do pressuposto de que os sujeitos presentes na escola são iguais e, por isso possuem uma uniformidade de aprendizagem, de cultura de experiências, e os que não se identificam com esse padrão uniforme são defasados, especiais e lentos, é incorrer em uma postura que, ao desqualificar uma referência, produz uma dominação.

Precocemente a criança negra vai presenciando mecanismos de intolerância racial na escola, podendo causar muitos danos psicológicos irreparáveis, todas as formas de racismo pode abater sua autoestima, criar uma identidade racial negativa, podendo até ser excluída do convívio escolar, situações como: brincadeiras de mau gosto, apelidos pejorativos, xingamentos vexatórios, podem causar danos insubstituíveis.

O racismo também se faz presente nos espaços físicos escolares, nos currículos, nos materiais didáticos e nos livros, onde afetam a histórias dos negros e sua cultura. No ambiente escolar, alunos negros são se sentem a vontade com certas situações dentro da escola, onde fica claro que a intolerância racial trás desconforto para os alunos negros presentes na sala de aula.

De acordo com Auad (2006) para os alunos os mecanismos de discriminação são claros, a ideia do “branqueamento” está presente em todos os lugares, a ideia de que o branco é mais agradável, limpo, ou melhor, está agregada na cabeça de muitos, os livros e materiais didáticos exploram esses traços estéticos.

Não tão fora da realidade, os livros didáticos expõem o “negro” de forma barbarizada ou caricaturada, enquanto que os “brancos” tem a forma superior, são mais valorizadas. O padrão de beleza sempre está relacionado com tons de pele clara. Nos desenhos animados as princesas, heroínas, reis, anjos, estão sempre representados pelo padrão de beleza branca, e tudo aquilo que é escuro é caracterizado por traços negativos. Para Munanga, (2005, p. 15).

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário para o preparo para lidar com desafios que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar com reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamentais da nossa missão no processo de formação dos futuros

cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produto de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconsciente os preconceitos que permeiam nossa sociedade .

O racismo está inserido em todos os níveis da educação, que vai desde a educação básica até a educação superior, os grandes níveis de desconforto de alunos negros são altíssimos. A educação deixa a desejar quando se fala de discriminação racial.

De acordo com Queiroz (2004) salienta que o negro tem mais dificuldade para estudar ou realizar trabalhos escolares, onde muitos abandonam a escola, por não conseguir acompanhar o ritmo dos estudos, a situação precária das escolas públicas faz também um forte índice de abandono escolar.

A escola brasileira tem muitos fatos a serem impostos, quando se fala em preconceito racial, todavia deve tomar muitas medidas referentes a esses casos, contudo não se devem medir esforços para amenizar essas formas de discriminação que afeta os estudantes negros, as diversas formas de tratamento vexatório que afeta a construção de seres humanos plenos e saudáveis.

A postura da escola deve ser imparcial quando se fala de racismo dentro do convívio escolar, que de maneira harmoniosa os estudantes devem conviver e se tolerar, sedo de suma importância, o respeito às diferentes religiões, culturas, etnia. Para Lopes (2001 apud Munanga, 2005, p. 189):

A escola como parte integrante dessa sociedade que se sabe preconceituosa e discriminatória, mas que reconhece que é hora de mudar, está comprometido com essas necessidades de mudança e precisa ser um espaço de aprendizagem onde as transformações devem começar de modo planejado e realizado coletivamente por todos os envolvidos, de modo consciente. [...] a educação escolar deve ajudar professor e aluno a compreenderem que a diferença entre pessoas povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valoriza-las para garantir a democracia que, entre outro, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são com suas características próprias e individualizadoras: que busca soluções e faze-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania.

A escola tem um importante papel de transformar e fornecer condições para uma educação de qualidade, seus ensinamentos devem valorizar as diferentes culturas, trabalhando de forma séria para um bom aprendizado, desfazendo assim vários equívocos incumbidos historicamente. Assinala Libâneo, (1994, p. 134.)

Se é verdade que a política escolar visa preservar a organização política e econômica vigente através das praticas escolares, é verdade também que ela expressa as condições da sociedade, de modo que os

resultados podem levar à contestação de ordem social, a sociedade política não é um bloco compacto e harmônico .

A escola é por excelência a instituição socializadora da criança. Deve ela fazer desta tarefa para possibilitar o conhecimento e a transformação do meio em que vive. Todavia, sabe-se que as tarefas não podem ser feitas isoladas, e a participação das famílias na performance transformadora e minimizadora dos preconceitos devem também conjuntamente relacionar todos atores que a comunidade escolar possa destacar, pois o que se gerou pela segregação, poderá também vislumbrar-se com postura ética de remodelagem do que se é correto, constitucional e pedagógico, que é tratar a todos com a mesma igualdade.

Ora, no país em que vivemos, não é difícil encontrarmos nas nossas cidades pessoas de todas as cores, que na mestiçagem social, criou o povo brasileiro. Uma diversidade única no mundo, ainda, por resquícios da colonização e da escravidão trata-se os negros, os índios, como seres inferiores. Desta realidade, a escola é que possibilitará o relacionamento verdadeiro e afetivo, na co-educação, presentes os meios mais convenientes e possíveis para criação de um novo mundo menos preconceituoso e racista

5. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NAS ATIVIDADES NO COMBATE AO RACISMO.

A escola tem o papel fundamental para a formação dos alunos no exercício da cidadania. A Lei de Diretrizes e Bases Curriculares Nacionais para o ensino no Brasil deixa bem claro isso. O trabalho pedagógico é fundamental para ampliar as ideias no combate ao racismo na escola e na sociedade em que vivemos.

Vale ressaltar, que os educadores no exercício de sua profissão sentem dificuldades de realizarem as intervenções contra situações de preconceito, isso se deve ao processo de assimilação de uma ideologia superior, imposta no âmbito escolar, uma vez educados, foram ensinados a perceber a vida do negro/aera vista como um mero animal.

As ideias pedagógicas tem que incluir métodos bem sutis, de construção e reconstrução, tendo como base o poder de avaliar, tomar decisões no contexto pedagógico e agregar múltiplas formas de combate à discriminação. Para Coelho (2008, p. 103),

Ainda que a perspectiva e os processos do professor possam ser considerados tradicionais e a prática existente de certa coerência entre o conceito adotado de cidadania e a prática pedagógica. Uma vez que seu conceito informa uma concepção de cidadão ativo, capaz de situar-se diante de dificuldade, de formar opiniões próprias, de ler o

mundo, de encaminhar para a transmissão de regras e para o condicionamento de comportamento, mais para a construção de competências e a habilidades que permeiam o mundo e interpretá-lo.

Estudos étnicos raciais no cotidiano escolar são fundamentais para uma boa educação antirracista. As abordagens em salas de aula sobre temas referentes ao racismo traz vários benefícios. Além disso fornecer curso e palestras para alunos, professores, comunidade escolar, faz com que corpo escolar possa reconhecer a importância e a história do povo africano, suas lutas e sua dispersão pelo mundo e o auto-conhecimento da origem da formação do povo brasileiro.

Por isso ser importante trabalhar a questão racial dentro das escolas o que significa contribuir para a valorização das raças e suas diferentes culturas pelo mundo, principalmente no Brasil, que com as cotas/ações afirmativas geram a cada edição do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, questionamentos sobre o/a negra/negro tirar a vaga do branco/a. O que não é bem assim. A dívida social do Brasil aos negros/as são gigantescas que mais 100 (cem) não poderão equalizar as relações entre os seres humanos de cores diversificadas.

Para contribuir para uma educação antirracista foi aprovada a Lei nº 11.645/08 que de certa forma, contribuem para a implementação de uma educação favorável as relações étnicos raciais, que diz respeito à História e cultura Afro Brasileiro e indígena. Essa Lei visa atender os diferentes tipos de temática no currículo escolar, promovendo a cidadania entre os povos, fortalecendo e dando confiança a uma educação que visa valorizar a cultura e a diversidade entre os povos brasileiros.

A identidade racial é primordial para o preenchimento do grupo social, dessa forma a construção social deve ser valorizado, permitindo o aluno vivenciar o aprendizado e saber da importância de que a história afrodescendente tem para a formação do cidadão. Sob, essa ótica Silva (2007, p. 490), argumenta.

A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnicos- raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que efetive participação no espaço público. Isto é, em que formem homens e mulheres comprometidos com a discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que completem efetivamente a todos.

A escola é parte integrante no convívio do aluno, seus ensinamentos contribuem para o ocultamento do racismo, na medida em que assuntos relacionados ao racismo são debatidos na unidade escolar, o conteúdo antirracismo engrena o imaginário da população de professores e alunos, amenizando toda forma de segregação, injustiça, intolerância, e, sobretudo o sentimento de revolta.

Esse o compromisso daqueles que se preocupa com a inclusão social diante de tantos fatos racistas e excludentes que vivemos. As práticas pedagógicas tem um papel importante no contexto escolar, são por meio delas que o ensino/aprendizagem chega à sala de aula.

A escola e os/as professores podem refletir no desenvolvimento de sua contribuição pedagógica a diversidade, seus ensinamentos tem grande importância para a educação emancipatória para um novo paradigma na vida dos estudantes e na sociedade, pois afirma Arroyo (2013, p. 133): “Os significados pedagógicos das experiências vividas à procura de seus sentidos vêm sendo uma das disputas mais esperanças da garantia do direito a todo conhecimento em sua rica e plural diversidade”.

A posição da escola é mais do que ensinar a gramática, vislumbra-se pelos caminhos de formar cidadãos conscientes e destemidos, a recolocar no centro das discussões os tabus e as formas arcaicas de ser na sociedade contemporânea e essa conduta perpassa pelas máculas sociais que por muito tempo se alastrou e permitiu criar um abismo gigantesco entre negros e brancos.

A segregação, oportunizada em todos os recantos das sociedades e classes sociais impõem desde a família que lugar de negro são local mais subalterno e humilhante, que o branco deve ocupar o espaço que sempre foi dele. E onde é o lugar do negro? Onde será o lugar do branco? O lugar de um e do outro é onde ele possa se valer da oportunidade, que por séculos foram abastados da educação, gerando uma massa de analfabetos e desqualificados no mercado de trabalho.

Ora, diante de uma perplexidade do racismo, o século XXI ainda insiste em ilustrar uma nova escravidão de que a “neguinho/a” é apelido carinhoso, de que o passado negro, significa ter um passado sujo e que negro/a é amostrado: ou suja na entrada, ou suja na saída, crioulo, muçum, chocolate, até de palavras mais pejorativas, tais como urubu e macaco. Esses ditados e formas de falar ganham ainda o carisma de muitos e é visto com muita naturalidade.

Os trabalhos pedagógicos não poderão ignorar esses fenômenos com eventualidades ou hábitos sadios, pois foram esses pequenos gestos que engradeceram para as injúrias raciais, o preconceito racial e racismo nas escolas, nas igrejas, no esporte, dentre outros locais. Por ser tão marcante, as crianças negras enfrentam diariamente as mazelas e a proposta pedagógica

servirá para dar voz e vez a cultura da igualdade racial, propondo ações pertinentes e imediatas com atividades lúdicas, palestras, dinâmicas e, principalmente a interação entre todos/as crianças e jovens.

Somente assim, poderemos construir uma sociedade diferente com menos preconceito racial, permitindo a todos o poder estudar, trabalhar e vive em igualdade e desconstruir o racismo

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respeito é a palavra chave para acabar com as diferenças raciais nesse novo século, a intolerância caracterizada por ela, está afetando negros e negras em todos os lugares. Os desafios são grandes quando se fala em racismo na escola, é preciso traçar um caminho longo e pensarmos juntos, discutir que medidas tomar, para amenizar o problema. Ao analisar esse contexto, percebemos a grande necessidade de compartilhar ideias entre educador e educando, tornando o ato pedagógico mais eficaz.

A escola é o espaço onde circula crianças e adolescente de diferentes culturas e etnias, é o lugar ideal para proliferar o racismo entre os jovens. Por isso vem à necessidade de trabalhar com os alunos, temas relacionados ao racismo. O professor tem o papel importante nessa hora, ele é o transmissor de ideias, é um facilitador no processo ensino/aprendizagem.

É nessa utopia que nos remete a pensar na construção de uma sociedade transformadora, capaz de construir uma sociedade mais igual e mais justa. Formar um novo cidadão dentro da escola é possível, basta educa-lo de maneira certa, com os ensinamentos passado dentro da escola. O professor tem saber crítico, pode extrair bem o aluno no processo ensino/aprendizagem.

Trabalhar questões raciais dentro da escola é um trabalho que exige a união de todos (coordenadores, funcionários, professores) podendo ser possível o combate ao racismo. A oferta da escola é abraçar todos os tipos de culturas e etnias, fazendo do pluralismo algo essencial para a escola.

Percebemos que os próprios educadores se tornam vitimas de tais praticas racistas entre os jovens, na qual não recebem a formação adequada durante o seu desenvolvimento escolar, e acabam frustrados com tanta falta de respeito dentro da sala de aula.

7. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5 Ed. Petrópolis Rio de Janeiro. Vozes, 2013.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**, São Paulo: Contexto, 2000.

CHAGAS, Conceição Corrêa. **Negro uma identidade em construção – dificuldades e possibilidades**. Petrópolis: Vozes, 1996.

COELHO, Mauro Souza; CAMELO, Eveline Almeida; MELO, Diogo soares. **O Livro Didático de História e suas Populações Indígenas**. Belo Horizonte: Mazza, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **A Didática e as tendências pedagógicas**. São Paulo: Ideas, 1994.

Lopes, Nei. **O racismo explicado aos seus filhos**. 1º ed. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

LOPES, Vera Neuza. **Racismo, Preconceito e Discriminação**. In: Munanga, Kabengele (org). **superando o racismo na escola**. 2 Ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na escola**. 2 Ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org) – SANKOFA, **Resgate da Cultura Afro- Brasileira**. Rio de Janeiro: Seafro, 1994.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **O negro, seu acesso ao ensino superior e as ações afirmativas no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

SILVA, Petronília Gonçalves. **Aprender, ensinar e relações étnicas- raciais no Brasil**. Porto Alegre. RS, 2007.